

Igreja fica dividida entre candidatos

14-04-94

JOSÉ LUIZ LONGO e
WALTER FALCETA

SÃO PAULO — A igreja católica vai dividida para as eleições presidenciais deste ano, ao contrário de 1989, quando houve um segmento expressivo de bispos e padres apoiando a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva, do PT. Nesta campanha, vários bispos já manifestaram simpatia pelo nome do candidato do PSDB, o ex-ministro Fernando Henrique Cardoso, através de elogios à social-democracia, um dos pilares do programa tucano, feitos no encontro dos prelados no convento de Itaici, no interior de São Paulo.

Além disso, a igreja faz também rejeição explícita aos candidatos sobre os quais pesem suspeitas de corrupção.

— O cristão não deve votar em candidatos nessa condição. O povo já destituiu um presidente por corrupção, e não deve incorrer no mesmo erro — diz enfaticamente o bispo-auxiliar de São Paulo, dom Angélico Bernardino Sândalo.

Os bispos avaliam que, por serem mais complexas do que as anteriores, as próximas eleições reservarão um papel diferente à igreja. Não deverá se repetir o maniqueísmo entre o bem e o mal de 1989. Segundo o bispo de Imperatriz (MA), dom Afonso Gregory, embora haja um mesmo candidato da última eleição presidencial, os adversários são diferentes.

A simpatia pela candidatura de Fernando Henrique deve-se ao fato de que, na avaliação da igreja, a social-democracia pode resolver parte dos problemas sociais.

— Por isso, a mesma história dificilmente se repetirá — prevê dom Gregory, alinhado com teses classificadas como progressistas no seio da igreja.

A divisão na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ficou bastante evidente na 32ª Assembléia dos bispos em Itaici, que terminou ontem. No documento da CNBB sobre as próximas eleições, motivo de ampla discussão e polêmica entre os prelados, por exemplo, prevaleceu um tom moderado.

Os chamados progressistas insistiam em incluir uma condenação explícita ao neoliberalismo, à ingerência do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI) na economia brasileira e às coligações não-programáticas, como a do PSDB com o PFL. Não conseguiram.

Para o bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, da chamada ala progressista, o texto aprovado foi aquele que conseguiu equalizar as posições da igreja.

O bispo de Novo Hamburgo, dom Boaventura Kloppenburg, conhecido por suas teses moderadas, disse que ainda “existem viúvas do socialismo”, mas que não acredita que o mesmo entusiasmo de um segmento da igreja pela candidatura de Lula em 1989 se repita agora em 1994. O bispo lamentou que a “democracia brasileira se resuma à possibilidade de escolha de apenas dois ou três nomes”.

Para uma corrente dos bispos, candidaturas alternativas como as do ex-presidente José Sarney e do ex-governador Antônio Carlos Magalhães preencheriam os três pré-requisitos estabelecidos pela CNBB para definir o candidato ideal: não-envolvimento em corrupção, carisma político e experiência administrativa.



Dom Luciano Mendes de Almeida, ao centro, preside reunião da 32ª Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Itaici: polêmicas